

PESQUISA EM ATUAÇÃO POR ESTADOS ¹

Beatriz Elídia G. Aguiar ², André Luiz Antunes Netto Carreira ³

¹ Vinculado ao projeto “Ambiente, atuação teatral e a cena expandida ibero-americana”

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – carreira@udesc.br

Minha pesquisa de IC foi desenvolvida dentro das atividades do Núcleo de Pesquisa Sobre Processos de Criação Artística – AHQIS. Fiz parte da experimentação do Laboratório de Atuação do AHQIS que está integrado ao projeto integrado interinstitucional “Ambiente, atuação teatral e cena expandida ibero-americana”.

O Laboratório de Atuação do AHQIS procura uma atuação longe da representação buscando no corpo dos atores sensações de intensidade (estados), uma concretude, algo que possa ser refeito várias vezes apenas com o estímulo físico, sempre em relação com as outras pessoas nas situações de atuação em grupo, e interferindo no texto, cenário e público.

Começamos a prática desse ano com o objetivo experimentar um processo criativo e de, posteriormente, apresentar uma peça feita de um texto clássico. Para realizar essa experiência escolhemos uma versão de André Carreira sobre o texto de Daniel Veronese inspirado em “As três irmãs” de A. Tchekov.

É importante dizer que esta prática como bolsista de IC se vinculou ao meu trabalho de TCC intitulado na época “O medo da atriz em cena”. Com a minha escolha temática o professor André Carreira com o intuito de ajudar meu processo de pesquisa, me colocou em um dos papéis principais, a irmã mais nova, Irina. Dessa forma, enfrentando esse desafio eu poderia pesquisar diretamente sobre aquilo que eu já que mencionado anteriormente: um dos meus medos era decorar textos grandes, pois tinha receio de esquecer-los em cena.

Nosso processo começou e tentei decorar minhas diversas falas antes de cada ensaio, me senti um pouco travada já que este era meu primeiro processo em que participaria de uma grande peça. Como parte de minha experimentação criativa, tentei achar sensações no meu corpo através de tensões, e consegui encontrar algumas como o ato de “vomitar”, coloco entre aspas, pois não expilo comidas ou líquidos pela boca. Na realidade crio processos através dos quais experimento sensações que sentiria quando vomito, meu corpo se contrai para sair algo que é só baba e meus olhos lacrimejam. Descobri esse estado contraindo e descontraindo meu estômago muito rápido. Outro estado descoberto se baseia em fazer uma respiração rápida pelo meu abdômen, que faz com que meu corpo trema e minha voz saía trêmula, às vezes gaguejando. Por último, também experimentei preencher todo meu pulmão para inspirar e ao expirar tiro todo ar, assim, aos poucos sinto uma sensação de leveza comparado com sonolência, meus olhos se fecham e experimento uma sensação que me faz não querer nem falar; então sempre tendo de encontrar o meio termo para conseguir dizer minhas falas como também deixa-las audíveis.

Em um dos ensaios descobrimos uma cena de orgasmo entre eu e minha colega que interpreta “Tusembaj”, a baronesa interessada em Irina, decidi abraçar esse desafio que me deixava com medo para aprofundar minha pesquisa. Ao fazer a cena ficava envergonhada e sentia que não conseguia aproveitar muito o momento por causa disso, ao conversar com colegas decidi tentar fazer a plateia sentir vergonha como um estímulo, uma meta a ser atingida, dessa forma tive mais prazer ao fazer a cena, me divertia ao pensar a plateia desconfortável. Dessa forma ampliei minha

reflexão sobre o medo na cena e como construir jogos que envolvem minhas parceiras de cena, e até o público ao redor do medo como desafio.

Na primeira apresentação do nosso espetáculo-laboratório comecei nervosa com medo de esquecer tudo, mas, minhas muitas falas me deixavam sempre atenta e consciente tanto do espaço como de meu corpo. Antes da cena do orgasmo até a metade do acontecimento desta cena estava entregue ao presente, porém, refletindo criticamente sobre meu trabalho considero que não consegui ir a fundo da minha meta para aquele momento da cena. Por um breve instante indaguei na minha cabeça o quê a plateia estava pensando, seus julgamentos e isso me fez tirar meu próprio estímulo da cabeça, então não fiquei no presente. A consequência imediata foi que travei na cena e a terminei dizendo minha próxima fala. Mas, como relato de um processo de pesquisa que leva mais de um ano, é preciso dizer que isso vem dando impulso a uma reflexão consistente sobre o medo como elemento do processo de criação e aprendizagem.

Com essa experiência prática e com minhas indagações, formulei a pergunta “o medo é somente um contratempo que deve ser ignorado ou um instrumento de criação?” que o ponto de partida do TCC, e reflete meu processo como bolsista de IC.

Palavras-chave: Atuação. Estados. Espetáculo-laboratório. Medo.